

NOSTALGIA E SONHOS ESCAPISTAS: UM PARALELO ENTRE A IRMANDADE PRÉ-RAFAELITA E O COTTAGECORE

NOSTALGIA AND ESCAPIST DREAMS: A PARALLEL BETWEEN THE PRE-RAPHAELITE BROTHERHOOD AND COTTAGECORE

NOSTALGIA Y SUEÑOS ESCAPISTAS: UN PARALELO ENTRE LA HERMANDAD PRERRAFAELITA Y EL COTTAGECORE

Maria Clara Muniz¹
Liliane Cristina Coelho²

Resumo

Pelas lentes da arte, cultura, psicologia e política, o artigo propõe um olhar caleidoscópico a respeito de manifestações nostálgicas na Inglaterra Vitoriana e no mundo de 2020, épocas marcadas, respectivamente, pela Revolução Industrial e pela pandemia de covid-19. O recorte da pesquisa é delimitado da criação da Irmandade Pré-Rafaelita, no auge das transformações industriais, até o início da primeira guerra mundial, onde a utopia do século XIX foi abandonada (1848-1914), e do início da pandemia ao momento presente, no qual o trabalho foi desenvolvido (2020-2024). A pesquisa busca compreender diferentes contextos e fazer uma análise comparativa dos objetos de estudo a partir de uma extensa revisão bibliográfica; concluindo que a proximidade dos movimentos é manifestada, principalmente, no caráter anticapitalista de ambos. Para além da imagética idílica e lógica de sonho, nota-se a inquietação em relação ao tempo presente, a valorização da arte e do fazer artístico-artesanal, a busca pela beleza e o desejo de liberdade, evidenciando, dessa forma, o arquétipo cíclico do pensar histórico.

Palavras-chave: nostalgia; medievalismo; Irmandade Pré-Rafaelita; cottagecore; covid-19.

Abstract

Through the lenses of art, culture, psychology, and politics, the article offers a kaleidoscopic view of nostalgic manifestations in Victorian England and the world of 2020 - periods marked respectively by the Industrial Revolution and the covid-19 pandemic. The research scope is defined from the founding of the Pre-Raphaelite Brotherhood, at the height of industrial transformations, to the beginning of World War I, when the 19th-century utopia was abandoned (1848–1914), and from the onset of the pandemic to the present moment in which the work was developed (2020–2024). The study aims to understand different contexts and conduct a comparative analysis of the objects of study through an extensive literature review; concluding that the proximity between the movements is mainly expressed in their anti-capitalist nature. Beyond idyllic imagery and dreamlike logic, there is a noticeable unease with the present time, a valorization of art and artisanal creation, a pursuit of beauty, and a longing for freedom - thus highlighting the cyclical archetype of historical thought.

Keywords: nostalgia; medievalism; Pre-Raphaelite Brotherhood; cottagecore; covid-19.

Resumen

A través de las lentes del arte, la cultura, la psicología y la política, el artículo propone una mirada caleidoscópica sobre las manifestaciones nostálgicas en la Inglaterra victoriana y en el mundo de 2020, épocas marcadas respectivamente por la Revolución Industrial y la pandemia de covid-19. El recorte de la investigación se delimita desde la creación de la Hermandad Prerrafaelita, en el auge de las transformaciones industriales, hasta el inicio de la Primera Guerra Mundial, cuando se abandona la utopía del siglo XIX (1848-1914), y desde el inicio de la pandemia hasta el momento presente en que se desarrolló el trabajo (2020-2024). La investigación busca comprender diferentes contextos y realizar un análisis comparativo de los objetos de estudio a partir de una extensa revisión bibliográfica; concluyendo que la proximidad entre los movimientos se manifiesta principalmente en el carácter anticapitalista de ambos. Más allá de la imaginería idílica y la lógica onírica, se observa una inquietud

¹ Acadêmica no curso de Bacharelado em História no Centro Universitário Internacional - UNINTER.

² Professora no Centro Universitário Internacional - UNINTER.

frente al tiempo presente, una valorización del arte y del hacer artístico-artesanal, una búsqueda de la belleza y un deseo de libertad, evidenciando así el arquetipo cíclico del pensamiento histórico.

Palabras clave: nostalgia; medievalismo; Hermandad Prerrafaelita; cottagecore; covid-19.

1 Introdução

Da Renascença à Era Vitoriana, a ânsia por resgatar um passado mítico é parte incontestável do que se entende por tais períodos. Tendo como inspiração a utópica Arcadia ou a longínqua Idade Média, o senso de nostalgia deixa de ser a vontade de retornar a um lugar e passa a ser a vontade de retornar a uma era (Batcho, 2023, p. 69). Partindo desse pressuposto, a pesquisa questiona de onde surge esse sentimento, como ele toma forma e faz uma análise de suas manifestações contemporâneas. Ao traçar um paralelo entre a Irmandade Pré-Rafaelita, o movimento artístico de contracultura que marcou a Inglaterra do século XIX, e o cottagecore, a *aesthetic* de maior destaque na internet durante a pandemia de covid-19 em 2020, nota-se, desde inclinações políticas e artísticas, uma reverberação de anseios separados por mais de um século e meio. A pesquisa é trabalhada em dois recortes: 1848-1914 e 2020-2024, ancorada no eixo História Social e Diferentes Temporalidades; a metodologia consiste no levantamento bibliográfico de acervos digitais, leitura de entrevistas, artigos e vídeo-ensaios, unindo abordagens clássicas e interpretações contemporâneas, colocando em prática o conceito interdisciplinar proposto ao longo da graduação.

2 Cottagecore, o *zeitgeist* pós-pandemia e o sonho de retornar ao que nunca se teve

Primeiramente, para entender o que é cottagecore, é preciso definir o que são *aesthetics*: “uma manifestação visual de uma ideia, na qual as pessoas podem projetar um significado próprio” (Ellis, 2020). Segundo Ellis,

Aesthetic: um conceito fortemente visual baseado em um tema consistente, imagens repetidas, e uma paleta de cores específica - e pode aparecer em coisas como escolha de roupas, *photosets* no *tumblr*, pastas no *pinterest*, ou até mesmo atividades e passatempos *offline* que são então gravados/fotografados e exibidos de volta na internet (Ellis, 2020).

Partindo desse conceito, entende-se o cottagecore como a manifestação contemporânea da idealização da vida no campo, do trabalho artesanal e de viver em harmonia com a natureza, que se resgatam práticas ancestrais e celebra-se a singularidade e a imperfeição do que é feito à mão, direcionando essa visão em uma realidade próxima e potencial (Connor-Phillips, 2021). Frequentemente comparada a pinturas românticas e ilustrações de contos de fadas, a imagética

do cottagecore é um recorte feito a partir do que se imagina como a vida poderia ou deveria ser. Ao projetar a ideia de uma vida bucólica, livre de obrigações e amarras sociais, subvertem-se papéis e expectativas de gênero, o trabalho doméstico passa a existir fora da influência do patriarcado e do capitalismo tardio (Wodzińska, 2021). Tal desejo de liberdade de constructos sociais, na visão de McClelland (2021), é o que torna a *aesthetic* essencialmente *queer*, anticapitalista e ambientalista.

Surgido no Tumblr em 2017 (O’Luanaigh, 2023; Wodzińska, 2021), a grande notoriedade do cottagecore ocorreu no ano de 2020, coincidindo com a necessidade de isolamento social em decorrência da pandemia de covid-19. Evocando sensações de conforto, tranquilidade e simplicidade, o cottagecore possui forte apelo visual, imaginário e político, e tem conquistado incontáveis adeptos desde então. Aqui, a nostalgia parte de uma ideia, coesa entre um grupo, que constrói ou atribui certo significado a um passado real ou imaginado (Davis, 1979, *apud* Batcho, 2022), não necessariamente relativo a uma experiência individual ou herança geracional. Abraçado por pessoas LGBTQIA+, o movimento representa a possibilidade de uma existência livre de preconceitos ao lado de quem se ama, de criar laços com quem tenha esse mesmo desejo por meio do conteúdo compartilhado, de inspirar esperança e a mudança para uma sociedade mais inclusiva, tolerante e sustentável. Muito além do espaço físico da casa de campo, o cottagecore convida a apreciar os momentos simples do dia: uma pausa para o chá, o aroma de um bolo recém assado e o prazer de ter algo feito pelas próprias mãos, coisas que independem do lugar em que se esteja.

Cabe citar como grande inspiração e referência desta pesquisa a escritora e artista Paola Merrill, mente e alma do canal *The Cottage Fairy* no *Youtube*. Por meio de plataformas digitais, ela compartilha sua herança cultural, a apreciação pelo *vintage* e feito à mão, a paixão pela literatura, o fazer artístico e artesanal e tantas outras práticas que se alinham ao cottagecore. Merrill transborda criatividade, otimismo e resiliência, criando um espaço mágico e acolhedor ao olhar com atenção para os detalhes da vida — com ela, as folhas de uma árvore, o vapor de uma chaleira ou um raio de sol são portais para imaginar uma história fantástica. Para *The Cottage Fairy* (2021), é válido enxergar a realidade por outro ângulo e procurar diferentes modos de retratar a beleza do mundo, e acrescenta que o escapismo saudável não é escapismo de forma alguma, mas a expansão do espectro da experiência humana. Ao encorajar o espectador a ser o artista de sua própria vida, Merrill projeta o sonho de um mundo melhor no presente, em que cada ação, por menor que pareça ser, aproxima essa mudança à realidade. Além de aquarelas, receitas e *blends* de chás artesanais, Merrill divide sua jornada de amadurecimento, tratando com honestidade o vício em produtividade e as consequências em

sua saúde mental e física — autointitulando-se *ex workaholic* — distúrbios alimentares, autopercepção, a pressão de expectativas externas e demais temas delicados, na intenção de fazer o espectador sentir-se visto e abraçado; afirmando que o valor de um indivíduo não é definido nem dependente do seu trabalho.

Intrínseco ao manifesto, o caráter anticapitalista do movimento cottagecore é apontado por O'Brien (2020), McClelland (2021) e Wodzińska (2021) como um ritmo nocivo de trabalho, a ideia de produtividade, hierarquias tradicionais e considera-se o modo de vida neoliberal algo insustentável e impraticável; a intenção não é o isolamento, mas a construção de uma comunidade cujas prioridades sejam diferentes das exigências do mercado. Tal alternativa à caótica vida moderna é comparada por O'Brien ao surgimento do Movimento *Arts & Crafts* no Reino Unido em crítica à Revolução Industrial, em que William Morris defendia a valorização do trabalho manual artístico, artesanal, humano, em um ritmo mais lento, condizente com o ritmo da própria natureza. Em um contexto geral, o sentimento de insatisfação, desencanto e insegurança em relação ao futuro aproxima a Inglaterra do século XIX ao mundo de 2020, tanto em termos de mudanças brutais quanto de reações por parte de quem viveu tais momentos.

2.1 Influências históricas e artísticas do cottagecore

Sobre as influências históricas do cottagecore, Zebrowska (2021) pontua a semelhança com o estilo rococó, do século XVIII — blusas brancas de algodão ou linho, silhuetas fluídas e delicadas, o uso de *corsets*, motivos florais, o cenário rural — além da literatura pastoral do século XVI e o Revivalismo Eduardiano, na década de 1970. Tal opinião também é dividida por Wayfair (2022), que compara o segmento mais romantizado do movimento à monarquia francesa do século XVIII, referindo-se à propriedade rural de Maria Antonieta, o *Hameau de La Reine*. Zebrowska cita brevemente os Pré-Rafaelitas e o medievalismo; o estranhamento vindo da sociedade vitoriana em relação às escolhas estéticas dos artistas; o uso de vestimentas amplas, leves e monocromáticas como alternativa ao formalismo e à produção em massa da indústria; o foco em fibras e tinturas naturais; coisas que reverberam no presente. Das influências mais recentes, Zebrowska menciona *Picnic at Hanging Rock* (1975) de Peter Weir como o responsável pelo Revivalismo Eduardiano. Adaptado do livro homônimo de 1967 de Joan Lindsay, o longa retrata um internato australiano na virada do, tendo a natureza não só como plano de fundo, mas como personagem. Tardes de verão, vestidos brancos, pés descalços e incontáveis cenas ao ar livre fazem desse filme um clássico cult, descrito como um sonho

febril, hipnótico e surrealista, comparado por admiradores ao talento enigmático de David Lynch e até mesmo Luis Buñuel (Laird, 2018; Rebanal, 2016) e ao cottagecore por Zebrowska. Segundo a autora, a associação entre roupas eduardianas (legítimas ou inspiradas) e a natureza, picnics e estar entre mulheres (romântica ou platonicamente) é extremamente comum ao cottagecore. Reitera-se, então, a veia *queer* do movimento: ao interpretar um poema de 1599 de Christopher Marlowe, Zebrowska alinha o romantismo presente na literatura pastoral ao desejo de existir plenamente ao lado de quem se ama sendo uma pessoa LGBTQIA+, reforçando que a ideia de querer viver no campo é algo tão antigo quanto a humanidade, independente da realidade da vida rural.

Das inspirações mais recentes, Ollivain (2020) e Bissett (Wayfair, 2022) mencionam o Studio Ghibli, um estúdio de animação japonês fundado em 1985 por cinco artistas, sendo Hayao Miyazaki o mais conhecido (Campbell, 2021). Miyazaki é famoso pelo seu traço, pela atenção aos detalhes e admiração à natureza, pelo caráter fantástico de suas histórias, suas personagens fortes, independentes e complexas e por tratar de temas sensíveis com leveza. Wolter (2024) fala sobre o suposto ambientalismo dos filmes de Miyazaki, argumentando que a filosofia do Studio Ghibli vai muito além da limitação do termo, retratando, na verdade, a relação do ser humano com a natureza. A autora relata o senso de nostalgia pelo campo, apesar de sua infância ter se passado na cidade, ligando esse sentimento à infância retratada nos filmes do Studio Ghibli e à natureza de Miyazaki. Esse tipo de nostalgia — de um passado imaginado, aqui vivido através da arte — é discutido no tópico 2.3, a partir dos estudos da Profa. Dra. Krystine Batcho. Batcho (2023, p. 82) fala que a nostalgia por uma infância idílica, real ou imaginada, inspira a esperança no melhor que a vida tem a oferecer. Boym (2001, *apud* Batcho, 2023, p. 69) diz: “Num primeiro olhar, nostalgia é sentir falta de um lugar, mas na realidade é ansiar por uma época diferente — o tempo da nossa infância, o ritmo mais lento dos nossos sonhos.”. Wolter (2024) comenta que o romantismo despertado pelos filmes gerou nela o entendimento da natureza não apenas como algo funcional, mas como algo a se admirar; concordando com a ideia de Miyazaki de preservar e apreciar o mundo natural não por ser o certo a se fazer, mas por sua beleza, ecoando a filosofia do Esteticismo Inglês do século XIX: *art for art's sake*.

Campbell (2021), Kabir (2023) e Maycock (2019) discutem a representação feminina nos filmes de Miyazaki, citando o autor como pioneiro por criar um espaço seguro para contos feministas em uma indústria dominada por homens. Campbell (2021) fala da sutileza no visual das personagens nos filmes do Studio Ghibli, definidas pela personalidade ao invés da aparência, praticamente iguais aos personagens masculinos — traços suaves, olhos grandes,

figuras andróginas — mudando o foco do público de querer *parecer* com a protagonista para querer *ser* como a protagonista. Campbell cita o protagonismo feminino nas palavras de Miyazaki (tradução nossa):

Muitos de meus filmes têm protagonistas femininas fortes — meninas corajosas, autossuficientes, que não pensam duas vezes sobre lutar pelo que acreditam com todo seu coração. Elas precisarão de um amigo, um apoiador, mas nunca de um salvador. Qualquer mulher tem capacidade de ser um herói, tanto quanto qualquer homem.

Focado em narrativas *coming of age* ao invés de romance, o realismo das personagens do Studio Ghibli se dá ao fato de Miyazaki buscar inspiração em pessoas do próprio convívio, demonstrando respeito na escolha de representá-las de modo único, sem cair em generalizações. Kabir (2023) ressalta que o gênero não é um obstáculo para essas personagens, e que a beleza dos filmes do Studio Ghibli está em acreditar na existência de um mundo inclusivo e igualitário, no qual mulheres ocupam posições de destaque, são livres de julgamento e donas do próprio destino. Maycock (2019) destaca que apesar de elementos fantásticos e da lógica de sonho, as personagens do Studio Ghibli são retratadas de forma realista em suas emoções, tornando-as humanas e facilmente identificáveis. Por fim, a autora relata sua ligação com as personagens de Miyazaki, celebra a vulnerabilidade dessas personagens e reforça o sonho cottagecore: a ideia de viver em meio à natureza, livre das expectativas sociais impostas sobre mulheres.

2.2 *Trad wife*: a irmã feia (e fascista) do cottagecore

No artigo de 2020 “*It’s Deeper Than Daisies: Marxism, cottagecore, and Aesthetic Resistance*”, Irma K. fala sobre a politização de um estilo de vida e reforça o contraste entre o cottagecore e o *Trad Wife*: um movimento supremacista de extrema-direita — no qual a romantização do passado acontece de forma deliberada e acrítica — que possui elementos visuais comuns ao cottagecore. Tais elementos são listados incontáveis vezes em artigos sobre o tema: vestidos fluídos e delicados, estampas florais, a “vida simples”, o ato de cozinhar, o fazer artesanal etc., coisas comumente associadas ao “feminino”. Slone (2020) frisa a distinção entre os dois movimentos, sustentando o argumento de que o cottagecore oferece a ideia de uma vida doméstica fora dos papeis binários e retrógrados abraçados pelas Trad Wives. Enquanto o cottagecore pode servir como ferramenta de transformação político-social e emancipação feminina/queer, o *Trad Wife* — ou *traditional wife*, uma abreviação de “esposa tradicional” — rejeita direitos conquistados, diversidade cultural, étnica e sexual em uma tentativa de emular tempos passados, inspirado no período pós-guerra, especialmente a década de 1950 nos Estados

Unidos (Elmhirst, 2024) e no sonho americano: família nuclear branca, heterossexual e cristã; individualismo, consumismo e conformismo. Tal dissonância também é percebida por McNamara (2020, tradução nossa):

Parece que ambos Tradlife e cottagecore possuem ideias similares (querer viver em uma casa de campo bonita; jardinagem, cozinhar do zero; usar vestidos longos e fluídos; bordado, tricot e costura; tudo vintage e à moda antiga), mas o Tradlife quer que as pessoas retornem ao passado, enquanto o cottagecore quer que as pessoas evoluam para um novo futuro (McNamara, 2020, tradução nossa).

Nas palavras de O’Luanaigh (2023), o “cottagecore foi cooptado por fascistas”. A autora aponta que o desejo de viver mais próximo à natureza, a idealização da vida no campo e a inspiração no pastoralismo europeu são combinadas com a nostalgia reacionária do nacionalismo. Assim, movimentos supremacistas conseguem imitar a estética do cottagecore a torto modo, sobrepondo simbologia extremista a imagens idílicas. Nota-se também a proximidade com o ecofascismo, alcançado através dessa inversão de valores — a natureza deixa de ser um espaço a ser preservado e celebrado e passa a ser uma fantasia de extermínio de tudo que fuja do ideal fascista de pureza. Ao contrário das *Trad Wifes*, adeptos do cottagecore reconhecem a problemática da idealização de uma vida “simples” em tempos passados, jamais ignorando questões de racismo, desigualdade de gênero e colonialismo, sendo esses temas abordados e discutidos incansavelmente, abrindo espaço para diferentes saberes e vozes dentro da comunidade. São exemplos Ollivain (2020), que questiona a suposta raiz colonialista do cottagecore, refletindo a partir de um recorte estadunidense, focando na ocupação violenta de terras indígenas e a problemática de romantizar uma vida tranquila em um território roubado; Rao (2022) que sugere a inclusão de pessoas de diferentes etnias, corpos e culturas em cenários naturais, traduzindo o *ethos* do movimento em lugares até então inexistentes ou pouco explorados nessa representação e Jurek (2020), que analisa a dualidade do rural-urbano, defendendo o sonho da vida no campo como “liberdade de expressão queer em um espaço rural” (Jurek, 2020). World (2023) argumenta que a vida no campo e no passado está longe de ser tão simples e romântica quanto se imagina, e que o cottagecore serve de inspiração enquanto permite ignorar os aspectos desagradáveis relativos a esse estilo de vida, tais como jornadas exaustivas e inacessibilidade.

Autoras como McNamara (2020), Cooksey (2021) e Elmhirst (2024) abordam outra pauta questionável: o fundamentalismo religioso presente na bolha *Trad Wife*. McNamara (2020) argumenta que o *Trad Wife* tem como objetivo tirar a individualidade e liberdade da mulher, sendo defendido principalmente por homens com interesse na submissão e manipulação

de suas parceiras, limitando suas vidas a expectativas ultrapassadas e sexistas. Cooksey (2021) aponta que enquanto nem todos os adeptos do movimento são abertamente fundamentalistas ou extremistas, eles seguem contas supremacistas e neonazistas, dificilmente expondo tais ideias de maneira explícita. A autora afirma que o surgimento desse grupo na internet coincide com a eleição presidencial de 2016 nos Estados Unidos e a ascensão da *Alt-Right*, onde o uso de plataformas digitais serve como propaganda política diluída em vídeos de 30 segundos ou menos, tornando a ideologia conservadora em algo facilmente digerível e compartilhável, radicalizando mulheres e meninas cada vez mais novas, oferecendo uma falsa ideia de conforto e segurança, pautados em exploração, segregação, racismo e misoginia, simplificando uma realidade extremamente complexa e mirando em um público que já possui tais ideias internalizadas. Contrariando o que algumas adeptas — ingênuas ou mal-intencionadas — sugerem, não há nada de apolítico nessa manifestação, visto que a política permeia todas as relações (Elmhirst, 2024). Por fim, Elmhirst (2024) expõe a hipocrisia e as contradições de “influenciadoras” *Trad*, que pregam subserviência e dependência marital enquanto têm uma carreira online, incentivando um estilo de vida nocivo que nem elas seguem de fato.

Em síntese, o cottagecore sonha com uma vida livre de misoginia, do patriarcado e do ritmo caótico do capitalismo tardio, abraçando o que ainda é associado ao feminino e retomando essas práticas para si como algo prazeroso, sem obrigações e preconceitos; enquanto o movimento *Trad Wife* é a fantasia da extrema-direita, na qual mulheres são submetidas a papéis tradicionais de gênero, negadas da própria autonomia e existem apenas para satisfazer e servir o outro, tudo isso embalado em uma imagem higienizada e mentirosa do passado.

2.3 Nostalgia: interpretações contemporâneas de um sentimento antigo

““Nostalgia” é a junção de duas palavras do Grego Antigo: *nóstos* (‘retornar para casa’) e *álgos* (‘sofrer’ ou ‘ansiar’), significando então um desejo de voltar para casa - geralmente, para um lugar que se perdeu” (Batcho, 2022, p. 200, tradução nossa). A autora ainda acrescenta que o passado ou lugar pelo qual se anseia pode ser um mero fragmento da imaginação ou a tentativa de reimaginar uma lembrança, sendo assim, a nostalgia pode estar ligada a um passado ou lugar que jamais existiu (Batcho, 2022, p. 201).

Batcho explica que a nostalgia mistura sentimentos bons e ruins, resultando em algo único e “agridoce”; e que a ênfase no impacto positivo versus negativo da nostalgia oferece uma visão incompleta do objeto de estudo (Batcho, 2020, p. 2). Nesse capítulo, a autora trata a nostalgia a nível social: uma emoção compartilhada por várias pessoas que constroem ou

atribuem um significado conjunto a um passado real ou imaginado, não ficando restrita a experiências individuais (Davis 1979 *apud* Batcho *et al.*, 2022, p. 203). A perspectiva sociológica, ligada à antropologia e à ciência política, é o que permite analisar a nostalgia enquanto fenômeno cultural e social, estabelecendo esse fenômeno como “multifacetado, multidimensional e multiespectral” (Batcho, 2022, p. 203, tradução nossa).

A respeito de movimentos reacionários, Batcho cita o termo *retrotopia*, cunhado por Bauman, definido como a encarnação da nostalgia no tempo presente, de políticas conservadoras e retrógradas que buscam respostas para problemas do presente em um passado glorioso, reimaginado e infalível (Bauman, 2017 *apud* Batcho, 2022, p. 203-204). Esse tipo de nostalgia é associado a governos populistas de direita, à eleição de Donald Trump em 2016 e ao Brexit no Reino Unido — e no Brasil à eleição de Jair Bolsonaro em 2018 e o saudosismo em relação à ditadura militar. Segundo Batcho, esse tipo de nostalgia surge em tempos de incerteza e insegurança, já tendo sido usado para promover diferentes ideologias durante a história, sendo algo de forte apelo para grupos que se sentem ameaçados por mudanças. Por outro lado, Batcho aponta que a nostalgia também serve como impulso para mudanças, mobilização política e transformações sociais, podendo resultar em um senso de unidade ou mais conflitos e controvérsia, pois o seu significado é entendido de diferentes formas por diferentes pessoas (Wilson, 2005/2014 *apud* Batcho *et al.*, 2022, p. 204).

No recorte 2020-2024, durante e pós-pandemia, entende-se a nostalgia como uma força capaz de centrar o indivíduo. Batcho (2023, p. 78-79, tradução nossa) argumenta que a pandemia favoreceu o interesse em práticas — citadas previamente no tópico 2 — que podem ser consideradas como uma manifestação nostálgica:

Tricotar, preparar conservas, geleias, cozinar, pintar, bordar, jogar jogos de tabuleiro, resolver quebra-cabeças, ouvir discos antigos em vinil, brincar com velhos modelos de trens, caminhadas longas e sem propósito, aproveitar o esplendor do ar livre, encontrar prazer e conforto em coisas simples, assistir filmes antigos em preto e branco [...] todas essas práticas aparentemente tiveram uma nova descoberta ou *revival* durante a pandemia.

Cameron e Gatewood abordam a nostalgia como um mecanismo de desaceleração: “uma adaptação psicológica às circunstâncias de rápida mudança cultural na qual indivíduos temem tornarem-se obsoletos” (Cameron; Gatewood, 1994, p. 53, *apud* Batcho, 2023, p. 70, tradução nossa). Tais condições são similares às da pandemia — mudanças abruptas, incerteza, altas taxas de mortalidade — comparadas por Batcho justamente à Era Vitoriana (2023, p. 76). A autora frisa a intensidade do estresse de ambas as épocas, fazendo um paralelo entre as mudanças trazidas pela industrialização e o medo de uma ameaça invisível, forçando a

sociedade a resolver problemas até então sem respostas. Bem como no mundo de 2020, os vitorianos encontraram conforto na ideia de uma vida “simples” e na proximidade com a natureza, optando pelas artes e pela preservação do mundo natural, juntamente com a luta por melhores condições de trabalho. Donohue (2018) afirma que os Pré-Rafaelitas buscaram libertação no passado da mesma forma em que se busca inspiração no tempo presente: focando na natureza, no fazer artesanal e na retomada de práticas antigas em uma tentativa de reinventar o próprio tempo e a si mesmo; no caso dos vitorianos retorna-se ao medieval, e das *aesthetics* retorna-se à ideia vitoriana do que foi o medieval (Pereira, 2011; Rowe, 2023). Portanto, é correto afirmar que a “reminiscência nostálgica provém estabilidade em meio a constantes mudanças” (Batcho *et al.*, 2023, p. 73, tradução nossa). Sendo assim, fica claro o porquê do surgimento de *aesthetics* inspiradas em eras distantes (cottagecore, *Dark Academia* e outras que tiveram o auge no ano de 2020) e do Revivalismo Medieval na segunda metade do século XIX e ao final da década de 1960 — épocas marcadas respectivamente pela Revolução Industrial e pela Guerra do Vietnã (Rowe, 2023). Curiosamente, Pereira (2011) analisa a escolha do termo “Revivalismo” como um eco do Renascimento, expondo o arquétipo cíclico do pensar histórico: nascimentos, mortes e ressurreições, corroborando a principal ideia desta pesquisa. De acordo com Batcho (2023, p. 72), a nostalgia é o que liberta de se estar preso no tempo e permite apreciar a experiência de algo concreto em termos abstratos; é a sensação de estar em duas realidades ao mesmo tempo (Batcho, 2020, p. 4). Desta forma, a nostalgia funciona como uma força contra a alienação decorrente de uma vida e um mundo acelerados, reconectando o indivíduo — e eventualmente a sociedade — à natureza (Rosa, 2019 *apud* Batcho, 2023, p. 79).

Por fim, Batcho (2023, p. 80-81) questiona se as mudanças psicológicas e comportamentais induzidas pelo isolamento social persistiriam no mundo pós-pandemia; se a preferência por coisas antigas e *vintage* e o desejo de quebrar o ciclo de exploração neoliberal continuariam e tornariam-se o novo normal; debatendo entre voltar ao mundo pré-pandemia ou construir algo novo a partir desse momento. Segundo a autora, “É possível retornar a um lugar, mas o passado não pode ser recapturado” (Batcho, 2020, p. 1, tradução nossa). Como visto anteriormente, no tópico 2 — cottagecore, o *Zeitgeist* Pós-Pandemia [...] — o sentimento geral de adeptos do cottagecore politicamente engajados é de reconstrução, partindo da ideia de como a vida poderia ou deveria ser, ancorando-se na noção de que as coisas podem ser diferentes e melhores; traçando um futuro crítico, consciente e otimista. Batcho sintetiza brilhantemente: “[a nostalgia] nos ajuda a enfrentar adversidades a caminho de um futuro incerto, imprevisível e desconhecido, mas apesar de tudo necessário” (2023, p. 81. tradução nossa).

2.4 Irmandade Pré-Rafaelita e o romantismo de contracultura

No ano de 1848, em meio às revoltas espalhadas pelo continente europeu, surge na Inglaterra uma sociedade secreta formada por artistas insatisfeitos com o formalismo, rigidez e falta de originalidade da *Royal Academy*: a Irmandade Pré-Rafaelita. Eles rejeitavam o que lhes era ensinado e buscavam inspiração nos pintores italianos do *Quattrocento*, emulando o estilo do final da Idade Média e início da Renascença, antes de Rafael Sanzio (Meagher, 2004; Hadley, 2017). Formada inicialmente pelos colegas da *Royal Academy* Dante Gabriel Rossetti, William Holman Hunt e John Everett Millais, a Irmandade recebe posteriormente James Collinson, Thomas Woolner, Frederic George Stephens e William Michael Rossetti. (Le Doré, 2014, p. 2; Ujszászi, 2015, p. 30). Eles eram pintores, poetas, escultores e críticos de arte, unidos, sobretudo, pela admiração ao medieval.

A formação original dos Pré-Rafaelitas foi mantida até o início da década de 1850, seguida pela segunda geração em 1853: Edward Burne-Jones e William Morris, mentorados por Dante Gabriel Rossetti. De acordo com Meagher (2004), apesar do afastamento inicial, boa parte dos artistas membros da Irmandade manteve a parceria por toda carreira. Enquanto o foco da primeira geração era de teor religioso, a segunda geração debruçou-se sobre lendas Arturianas, poesias medievais — especialmente a *Divina Comédia* de Dante, uma das obsessões de Rossetti — e peças Shakespearianas. Meagher sugere que essa mudança de foco teve influência no desenvolvimento do movimento Esteticista e na ideia de “*art for art's sake*” na década de 1860; pela liberdade da beleza e da própria arte.

Segundo W. M. Rossetti (2021), o ideal artístico do grupo poderia ser resumido em quatro princípios: ter ideias genuínas a expressar; estudar atentamente a natureza; a preferência pelo sério, sincero e não convencional; produzir boa arte. O *modus operandi* dos Pré-Rafaelitas envolvia o estudo minucioso da natureza, o que era alcançado através da prática *en plein air*; a visão da beleza como algo espiritual; o uso de uma paleta de cores vivas, em contraste com a escuridão do barroco e do romantismo; o simbolismo enigmático entrelaçado com interpretações próprias de poemas medievais e demais inspirações (Katz, 1995, p. 158; Meagher, 2004; Ujszászi, 2015, p. 29). Com foco na arte ao invés da fama, os membros da Irmandade assinaram as primeiras obras com as iniciais do grupo: PRB (*Pre-Raphaelite Brotherhood*) (Le Doré, 2014, p. 2-3), mantendo seus nomes em segredo e recebendo críticas tão calorosas quanto os elogios. Na contramão da artificialidade do estilo maneirista em voga, o realismo das pinturas pré-rafaelitas era algo inusitado à época e conquistou a intensa admiração de John Ruskin — crítico de arte, escritor e o principal nome do Revivalismo Gótico

(Meagher, 2004; Ujszászi, 2015, p. 30) e o desprezo do escritor Charles Dickens, que considerou, juntamente com outros críticos, blasfemo o ato de retratar figuras religiosas de forma realista (Le Doré, 2014, p. 3; Tate, 2025). Foi através da literatura medieval, figuras mitológicas e da iconografia religiosa que o movimento provocou os limites do conservadorismo burguês, tratando de temas como amor, morte, beleza, desejos reprimidos e segredos além da vida, firmando-se como o primeiro movimento artístico de vanguarda na Inglaterra (Hadley, 2017, p. 2-3; Tate, 2025).

Para desgosto dos críticos e sobretudo da sociedade vitoriana, o caráter subversivo do movimento não ficou restrito às técnicas. Cherry (2004), Hadley (2017) e Le Doré (2014) destacam o caráter *queer* dos Pré-Rafaelitas, focando na centralidade da figura feminina e na ambiguidade da androginia em suas representações, particularmente nas pinturas de Burne-Jones e Rossetti. Cherry (2004, p. 66) também cita a *Pre-Raphaelite Sisterhood* — o segmento feminino da Irmandade — na qual as mulheres desfrutavam de autonomia e liberdade criativa ao lado de seus companheiros. Marie Spartali Stillman, Elizabeth Siddal, Jane Morris, Evelyn de Morgan, Christina Rossetti, Julia Margaret Cameron e tantas outras: artistas, poetas, designers, fotógrafas, musas e amantes, forças de ação e criação, ocupando espaço em um campo majoritariamente masculino (Cherry, 2004; Moura, 2021). Ao mesmo tempo em que o reconhecimento dessas artistas é celebrado, a autora critica a separação entre os membros do movimento, argumentando que essa classificação binária impede que os artistas sejam percebidos como iguais (Pollock *apud* Cherry, 2004, p. 66). Para Hadley (2017, p. 11) a própria representação do movimento borrava limites e contrastes de gênero. A autora fala na sensualidade da incerteza e na mistura de referências históricas e literárias, na qual a busca pela perfeição toma formas ambíguas e andróginas, explorando a beleza enquanto algo profundo, misterioso e sobrenatural. A centralidade da figura feminina nas pinturas pré-rafaelitas parte dos escritos de Le Doré, que analisa o simbolismo enquanto algo espiritual, com o poder de atravessar o tempo e criar raízes. Somado a isso, a autora dialoga com os escritos de Pereira (2011), onde “o fascínio [...] pela idade média é um sinal de desespero pelo presente” (Viollet-le-Duc, 1844 *apud* Pereira, 2011, p. 3), interpretando o indissociável medievalismo do movimento como uma manifestação nostálgica (Le Doré, 2014, p. 7, tradução nossa):

Essa nostalgia por séculos passados, especificamente a Idade Média, assombra todas as obras Pré-Rafaelitas. Roupas, construções, móveis, referências artísticas, toda pintura desse movimento tem uma ligação com o passado.

O medievalismo do movimento é discutido de maneira sublime por Ujszászi (2015, p. 31), que observa esse fenômeno como uma inspiração além de si e do próprio tempo, na qual a Irmandade conscientemente dá as costas aos horrores da realidade industrial e idealiza uma era perdida. A autora comenta a busca por ideais e valores também perdidos, inspirados principalmente nos poemas de Keats, Shelley e Tennyson, contemporâneos com objetos de interesse comuns à Irmandade (Ujszászi, 2015, p. 30-31). Além disso, Ujszászi (2015, p. 31) atribui a aura de mistério da Irmandade Pré-Rafaelita à liberdade interpretativa de suas obras, fazendo uma análise do simbolismo do movimento e tratando da escolha dos artistas de enxergar o mundo através das lentes da cultura medieval: flores, cores, números, formas e animais, cada um com um significado particular, polissêmico e muitas vezes contraditório, deixando a leitura a depender do contexto e sugerindo além do que era mostrado em tela.

Em suma, o radicalismo da Irmandade Pré-Rafaelita vem da rejeição do neoclassicismo contemporâneo, da escolha na Idade Média como fonte de inspiração em um século no qual persistiam ideias renascentistas e iluministas — do medieval/gótico como sinônimo de bárbaro — das representações apelando aos sentidos e à abstração, da obsessão pela figura feminina, sensualidade e simbolismo, da aura boêmia e enigmática de seus membros e colaboradores, da inquietação do não conformismo, da inovação e da sinceridade do amadorismo. Inspirando desde o *Arts and Crafts* e o Art Nouveau ainda no século XIX; o revivalismo de tons psicodélicos nas décadas de 1960 e 70; o gênero literário de fantasia medieval nos séculos XX e XXI e suas adaptações cinematográficas, os sonhos pré-rafaelitas estão presentes nas obras de John William Waterhouse, Walter Crane e Aubrey Beardsley, artistas que também tiveram contribuição na construção da beleza de uma era perdida (Le Doré, 2014, p. 15-16; Pereira, 2011, p. 2).

2.5 Arts & crafts e o medievalismo na era industrial

A Era Vitoriana foi um período de mudanças significativas, envolvendo a abolição da escravidão no Império Britânico, o surgimento de movimentos trabalhistas e de direitos das mulheres, a ascensão do liberalismo enquanto ideologia dominante, industrialização e expansão do Império. De acordo com Steinbach (2024), enquanto a Grã-Bretanha tornava-se o país mais rico do mundo, os ingleses trabalhavam em péssimas condições, o que só viria a ser mudado décadas à frente. Juntamente às jornadas exaustivas, condições precárias e salários ínfimos, a industrialização trouzia outra questão: a falta de autonomia do trabalhador em decorrência do modelo de produção — a divisão do trabalho. Nesse contexto, o Movimento Arts & Crafts surge como um manifesto que viria a mudar o modo de pensar e produzir no século XIX.

Descrito como a aplicação do Pré-Rafaelismo nas artes decorativas (Le Doré, 2014, p. 12), o Movimento Arts & Crafts é um dos desdobramentos da Irmandade Pré-Rafaelita que se mantém relevante desde a sua criação na década de 1860. Idealizado por William Morris, o movimento foi uma reação e crítica à industrialização e suas condições desumanas de trabalho, voltado à produção artesanal e artística, inspirado na arquitetura, decoração e prática medieval (Victoria and Albert Museum, 2024). De acordo com Ruskin — grande influência de Morris — a feiura decorrente da industrialização espelhava a decadência moral de uma sociedade e sistema econômico que enriqueciam às custas da exploração e empobrecimento da classe trabalhadora (Stead, 2023). Assim, entende-se o Movimento *Arts and Crafts* como um manifesto que defendia a reforma não apenas da arte, mas da sociedade como um todo (Society of Designer Craftsmen, 2025).

Norteado mais por um ideal do que um estilo definido, o *Arts and Crafts* era descrito por Morris como “inspirado na docura, simplicidade, liberdade e beleza” (Morris *apud* Shafe, 2024, tradução nossa). De acordo com Shafe (2024), além da influência da reforma do design da década de 1830, o movimento era, sobretudo, a inspiração e criatividade de Morris. Tendo como referência a natureza, herbários dos séculos XVI e XVII, iluminuras e tapeçarias medievais, Morris entra para a história ao aproximar a beleza intangível à vida real, trazendo a excentricidade às casas inglesas do século XIX. Shafe (2024) e Stead (2023) destacam o Revivalismo Gótico e os escritos de John Ruskin como motores do manifesto. Alastrado pela Europa, o Revivalismo tomou diferentes formas, particulares a cada nação, mas com a ideia geral de resgate da própria cultura. Pereira (2011) fala do caráter coletivo do gótico interpretando Viollet-le-Duc: o gótico como fruto de um trabalho compartilhado; enquanto Stead (2023) complementa com Ruskin: a beleza do gótico como resultado da liberdade e felicidade do trabalhador medieval, ao contrário da feiura da indústria resultada da aniquilação da liberdade criativa do trabalhador.

Ao passo em que suas obras se tornavam decorativas, Edward Burne-Jones e Dante Gabriel Rossetti — membros da Irmandade Pré-Rafaelita — demonstraram interesse no projeto de Morris e juntaram-se à *Morris, Marshall, Faulkner & Co.* em 1861 (Meagher, 2004). Nela, os artistas produziam vitrais, móveis, artigos têxteis, papeis de parede — pelos quais o movimento e Morris são conhecidos até hoje — joias e tapeçarias (Le Doré, 2014; Meagher, 2004). Assim, “o medievalismo adentrou as casas vitorianas em forma de móveis e decorações artesanais” (Le Doré, 2014, p. 12, tradução nossa). Posteriormente, em 1875, a firma passa a ser chamada *Morris and Co.*, sob o comando exclusivo de Morris, contando ainda com a colaboração dos antigos sócios. O movimento toma, somente em 1888, o nome do grupo *Arts & Crafts Exhibition Society*, formado em Londres em 1887 com objetivo de abrir espaço para

novos artistas e exibir diferentes formas de arte (Oshinsky, 2006; Society of Designer Craftsmen, 2025; Victoria and Albert Museum, 2024).

Em virtude da aplicação de técnicas medievais, a demanda por vitrais foi impulsionada pelo Revivalismo Gótico, colocando a firma no mapa do restauro de inúmeras igrejas pela Europa, contando com o apoio de uma equipe de arquitetos entusiastas do medievalismo na realização das obras. Ironicamente, Ruskin era contrário ao restauro de monumentos seculares, alegando que a reforma tornava a obra inautêntica, sendo a favor de manter as “marcas da história” na arquitetura (Shafe, 2024). Pereira (2011, p. 3) analisa o gótico — o Revivalismo Medieval — como produto do século XIX; “gótico” esse tratando mais sobre o século XIX do que a Idade Média que se buscava reinventar, reviver e reencontrar; voltando à ideia de que o olhar hoje existente sobre o período medieval é fruto da reinterpretação feita pelos vitorianos. Curiosamente, a autora comenta a diferença entre o Revivalismo na França e na Inglaterra: enquanto o movimento era tido como símbolo da identidade nacional francesa, os ingleses ignoravam as origens histórico-geográficas do estilo e associavam à literatura, lendas arturianas e castelos antigos (Lewis, 2002, p. 17-18 *apud* Pereira, 2011, p. 9). Assim, o Revivalismo inglês — lê-se: o próprio *Arts and Crafts* — unia referências históricas à liberdade criativa, resultando em algo surpreendente e único.

Shafe (2024) marca o ano de 1862 como decisivo: Morris decide abandonar a pintura — incentivada essencialmente por Rossetti — e focar na criação de papeis de parede; e o *Arts and Crafts* passa a ser conhecido após a exibição em Londres, ganhando a atenção da classe média-alta. Aqui, o autor aponta a maior contradição do movimento: o custo. Por ser contra a produção industrial, os designs de Morris eram produzidos manualmente por artesãos, o que tornava o produto inevitavelmente mais caro. Contrariando as origens do movimento, o *Arts and Crafts* só conseguiu ser barato nos Estados Unidos, onde teve sua filosofia desconsiderada e optou-se pela produção industrial, mantendo o estilo, porém sem a preocupação com a qualidade e as particularidades de um artigo feito à mão. Apesar do objetivo de produzir bens acessíveis para todos não ter sido alcançado em vida, Morris foi motivado por ideais socialistas até a morte, sentindo o mal-estar pela disparidade entre o próprio dinheiro e as péssimas condições de trabalho na Inglaterra, chegando a publicar artigos e ministrar palestras a favor do socialismo, sendo descrito por Engels como a única pessoa honesta entre os intelectuais da época. Morris morreu em 1896 em decorrência da tuberculose, enquanto contemporâneos afirmam que a doença foi agravada ou consequente do trabalho excessivo (Shafe, 2024; Trowbridge, 2021).

Após a morte de William Morris, o *Arts and Crafts* foi consolidado na Europa como um movimento de revivalismo e preservação de estilos nacionais, sendo sinônimo de orgulho,

independência e resgate cultural (Shafe, 2024). Com mais de 130 organizações só na Inglaterra, o movimento alcançou países dentro e fora do continente: Irlanda, Escócia, Bélgica, Áustria, Alemanha, Hungria, Islândia, Estados Unidos e Japão. A respeito das ramificações do movimento, Shafe (2024) e Rowe (Wayfair, 2023) citam o Art Nouveau, surgido na França; a Secession de Viena; o Modernismo e o Bauhaus. O *Arts and Crafts* teve seu momento de declínio e obsolescência em consequência da primeira guerra mundial, vindo a ser resgatado no verão de 1951 com o *Festival of Britain*, uma exibição nacional proposta pela *Royal Society of Arts* ainda na década de 1940, promovendo a recuperação da Inglaterra pós-guerra, a exaltação de suas contribuições culturais e a construção de monumentos em espaços públicos — *Skylon, Dome of Discovery, Pleasure Garden, Royal Festival Hall*, a maioria em estilo modernista — obra que veio a ser destruída pelo governo do primeiro-ministro Winston Churchill, que viu essas construções como propaganda e símbolo de uma Inglaterra socialista (Shafe, 2024; The History Press, 2017).

Hoje, o *Arts and Crafts* vive e é celebrado por apreciadores do vintage e artesanal, sendo eles adeptos do cottagecore em acordo com as ideias de Morris ou entusiastas de contos de fadas e ramificações do movimento — o Art Nouveau, o gênero de fantasia medieval ou o próprio Medievalismo (O'brien, 2020; Wayfair, 2023). Sobrepondo referências históricas, nostalgia e conforto, o feitio artesanal do *Arts and Crafts* permite a associação à filosofia do cottagecore, resgatando práticas e memórias e inspirando novas gerações a dedicarem tempo na criação de algo único e especial (The Cottage Fairy, 2021; Michaud, 2024).

3 Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho consiste na revisão bibliográfica e comparação das fontes através das plataformas do Research Gate, Academia.edu, Youtube, acervos de museus e revistas digitais; feita a partir da leitura de artigos, ensaios e entrevistas de profissionais das áreas de história, psicologia, artes, literatura e jornalismo, contando com análises interdisciplinares, recortes de gênero, sexualidade e cultura, considerando o caráter multitemporal e internacional da pesquisa.

4 Considerações finais

Tratando de anseios milenares, a pesquisa manifesta o caráter cíclico da História: a vontade primitiva do contato com a natureza, o resgate de práticas ancestrais e de uma cultura específica através da arte e do saber histórico. A partir das fontes consultadas, foi possível perceber que o sonho de escapar da própria realidade em direção a um passado inexistente — e

idealizado de acordo com as necessidades de cada era — é algo recorrente, sem deixar de apresentar um tom próprio a cada recorte. Somado a isso, nota-se a angústia de estar preso no próprio tempo nas manifestações nostálgicas tratadas no artigo, permeando a arte, cultura e política de dada sociedade e dialogando com diferentes temporalidades: o agora, obscurecido por constantes mudanças e acontecimentos, o passado reinterpretado e o futuro idealizado a partir dessa combinação.

Muito além do desencanto e desespero pelo tempo presente, a nostalgia é mostrada como ferramenta de sobrevivência, transformação e construção de novas realidades, possibilitando mudanças significativas imaginadas a partir de como a vida poderia ser. Aqui, a história é lida a partir da ideia de continuidade — não exatamente linearidade — na qual os acontecimentos são interpretados simultaneamente, em sobreposição e isoladamente, considerando o contexto de suas épocas ao lado de um olhar contemporâneo, resultando, também, em uma manifestação própria às circunstâncias em que o trabalho foi escrito.

Referências

ARTS and Crafts: an introduction. **Victoria and Albert Museum**, 2024. Disponível em: <https://www.vam.ac.uk/articles/arts-and-crafts-an-introduction>. Acesso em: 19 jun. 2024.

AUTHOR Joan Lindsay and Picnic at Hanging Rock. **National Trust**, 2024. Disponível em: <https://www.nationaltrust.org.au/collections/author-joan-lindsay-and-picnic-at-hanging-rock/>. Acesso em: 30 dez. 2024.

BATCHO, K. I. Nostalgia: the paradoxical bittersweet emotion. In: JACOBSEN, M. H. (org.). **Nostalgia Now: Cross-disciplinary Perspectives on the Past in the Present**. EUA: Routledge, 2020.

BATCHO, K.; JACOBSEN, M. H. Nostalgia: an essentially contested emotion. In: JACOBSEN, M. H. **Emotions in Culture and Everyday Life: Conceptual, Theoretical and Empirical Explorations**. EUA: Routledge, 2022.

BATCHO, K.; JACOBSEN, M. H.; WILSON, J. L. Nostalgia and the Corona Pandemic: A Tranquil Feeling in a Fearful World. In: FOLEY, K.; WARD, P. (org.). **The Emerald Handbook of the Sociology of Emotions for a Post-Pandemic World: Imagined Emotions and Emotional Futures**. EUA: Emerald Publishing Limited, 2023.

CAMPBELL, C. Hayao Miyazaki is a Pioneer of Female Representation in Film. **The Fordham Ram**, 6 out. 2021. Disponível em: <https://thefordhamram.com/culture/hayao-miyazaki-is-the-pioneer-of-women-in-film/>. Acesso em: 7 jan. 2025.

CHERRY, D. Dreaming Awake: Images of Women in Pre-Raphaelite Art. In: WILDMAN, S. et al. **Waking Dreams: The Art of the Pre-Raphaelites from the Delaware Art Museum**. EUA: Art Services Intl., 2004.

CONNOR-Phillips, E. Cultural Phenomenon: How the Conjunction of TikTok and Isolation Has Given Birth to a Wave of New Styles. **Sunstroke Magazine**, 2021. Disponível em: <https://www.sunstrokemagazine.com/archive/2021/2/1/cultural-phenomenon-how-the-conjunction-of-tiktok-and-isolation-has-given-birth-to-a-wave-of-new-styles>. Acesso em: 6 mar. 2024.

COOKSEY, M. Why Are Gen Z Girls Attracted to the Tradwife Lifestyle? **Political Research Associates**, 29 jul. 2021. Disponível em: <https://politicalresearch.org/2021/07/29/why-are-gen-z-girls-attracted-tradwife-lifestyle>. Acesso em: 19 ago. 2024.

DONOHUE, M. The Secret Society of Rebellious Artists Behind a Dreamy, Hyper-Romantic Movement. **1stDibs**, 2018. Disponível em: <https://www.1stdibs.com/introspective-magazine/pre-raphaelites-at-the-legion-of-honor-museum/>. Acesso em: 1 mar. 2024.

ELLIS, R. Why is cottagecore so gay? Youtube, 30 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5odKiL7jRW0>. Acesso em: 31 jan. 2024.

ELMHIRST, S. The Rise and Fall of the Trad Wife. **The New Yorker**, 29 mar. 2024. Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/persons-of-interest/the-rise-and-fall-of-the-trad-wife>. Acesso em: 22 ago. 2024.

HADLEY, H. **Pygmalion and Galatea: Androgyny in the Pre-Raphaelite Ideal**. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/41494505/Pygmalion_and_Galatea_Androgyny_in_the_Pre_Raphaelite_Ideal. Acesso em: 3 abr. 2024.

JUREK, E. cottagecore, supremacia racial e handmaid's tale. **Jurek/Gazette**, 2020. Disponível em: <https://jurekgazette.home.blog/2020/09/05/cottagecore-supremacia-racial-e-handmaids-tale/>. Acesso em: 21 ago. 2024.

K., I. It's Deeper Than Daisies: Marxism, cottagecore and Aesthetic Resistance. **Lithium Magazine**, 2020. Disponível em: <https://lithiummagazine.com/2020/09/21/its-deeper-than-daisies-marxism-cottagecore-and-aesthetic-resistance/>. Acesso em: 19 de agosto de 2024.

KABIR, S. We love Studio Ghibli female characters, here's why. **The Daily Star**, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://www.thedailystar.net/shout/news/we-love-studio-ghiblis-female-characters-heres-why-3278051>. Acesso em: 7 jan. 2025.

KATZ, M. R. William Holman Hunt and the “Pre-Raphaelite Technique”. In: HERMENS, E.; PEEK, M.; WALLERT, A. (eds). **Historical Painting Techniques, Materials and Studio Practice**. EUA: Getty Conservation Institute, 1995.

LAIRD. Picnic at Hanging Rock. **Letterboxd**, 22 set. 2018. Disponível em: <https://boxd.it/wNfhH>. Acesso em: 30 dez. 2024.

LE DORÉ, G. **Medievalism in Pre-Raphaelite Paintings**. 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/5859132/Medievalism_in_Pre_Raphaelite_Paintings. Acesso em: 4 abr. 2024.

MAYCOCK, L. Wolf Girls and Hatters: The Emotional Strength in Miyazaki's Women. **Girls on Tops**, 29 mar. 2019. Disponível em: <https://girlsontoptees.com/blogs/read-me/wolf-girls-and-hatters-the-emotional-strength-in-miyazakis-women>. Acesso em: 7 jan. 2025.

MCCLELLAND, M. The Rise of cottagecore, Explained. **The Psychology of Fashion**, 2021. Disponível em: <https://www.tpopf-thepsychologyoffashion.com/features/cottagecore-fashion-explained>. Acesso em: 6 mar. 2024.

MCNAMARA, S. Tradlife versus cottagecore: Similar aesthetics with very different values. **Fluently Forward**, 07 abr. 2020. Disponível em: <https://www.fluentlyforward.com/home4/tradlife-versus-cottagecore-similar-aesthetics-with-very-different-values>. Acesso em: 19 ago. 2024.

MEAGHER, J. The Pre-Raphaelites. **The Metropolitan Museum of Art**, 01 out. 2004. Disponível em: https://www.metmuseum.org/toah/hd/praf/hd_praf.htm. Acesso em: 24 jun. 2024.

MICHAUD, F. Why Grandmacore is the ultimate cottagecore Dream. **cottagecore Dream**, 2024. Disponível em: <https://cottagedream.com/article/why-grandmacore-is-the-ultimate-cottagecore-dream>. Acesso em: 16 jul. 2024.

MOURA, N. The Pre-Raphaelite Sisterhood. **Women'n Art**, 22 set. 2021. Disponível em: <https://womennart.com/2021/09/22/pre-raphaelite-sisterhood/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

O'BRIEN, S. Only this, cottagecore. **Honi Soit**, 26 abr. 2020. Disponível em: <https://honisoit.com/2020/04/only-this-cottagecore/>. Acesso em: 31 jan. 2024.

O'LUANAIGH, R. Co-opting cottagecore: Pastoral Aesthetics in Reactionary and Extremist Movements. **Global Network on Extremism and Technology**, 19 mai. 2023. Disponível em: <https://gnet-research.org/2023/05/19/co-opting-cottagecore-pastoral-aesthetics-in-reactionary-and-extremist-movements/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

OLLIVAIN, C. cottagecore, colonialism and the far-right. **Honi Soit**, 08 set. 2020. Disponível em: <https://honisoit.com/2020/09/cottagecore-colonialism-and-the-far-right/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

OSHINSKY, S. J. Design Reform. **The Metropolitan Museum of Art**, 01 out. 2006. Disponível em: https://www.metmuseum.org/toah/hd/dsrf/hd_dsr.htm. Acesso em: 25 jun. 2024.

OUR History. **Society of Designer Craftsmen**, 2025. Disponível em: <https://societyofdesignercraftsmen.org.uk/our-history>. Acesso em: 6 de janeiro de 2025.

PEREIRA, M. C. C. L. O Revivalismo Medieval e a Invenção do Neogótico: Sobre Anacronismo e Obsessões. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011. **Anais** [...], São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300848807_ARQUIVO_MARIACRISTINAPEREIRA-anpuh-2011.pdf. Acesso em: 2 dez. 2024.

PRE-Raphaelite. **Tate**, 2025. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/art-terms/p/pre-raphaelite>. Acesso em: 7 jan. 2025.

RAO, R. N. Why is cottagecore so blindingly white? **A Curious Fancy**, 18 abr. 2022. Disponível em: <https://curiousfancy.com/why-is-cottagecore-so-blindingly-white/>. Acesso em: 21 ago. 2024.

REBANAL, J. Picnic at Hanging Rock. **Letterboxd**, 18 fev. 2016. Disponível em: <https://boxd.it/8DuPN>. Acesso em: 30 dez. 2024.

ROWE, K. **Why the Medieval Aesthetic Never Dies: The History of Medieval Revival Fashion**. Youtube, 27 abr. 2023. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=-EVWQGzxEwU&pp=ygUQbWVkaWV2YWwgcmV2aXZhbA%3D%3D>. Acesso em: 5 dez. 2024.

SHAFE, L. **34-02 The Arts & Crafts Movement - William Morris**. Youtube, 03 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TxUj3r07kNE>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SLONE, I. Escape Into cottagecore, Calming Ethos for Our Febrile Moment. **The New York Times**, 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/03/10/style/cottagecore.html>. Acesso em: 20 ago. 2024.

STEAD, H. J. **Ruskin & Morris: The Origins of the Arts & Crafts Movement in the 19th Century**. Youtube, 02 dez. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IwIKWuHhWVA>. Acesso em: 10 jan. 2025.

STEINBACH, S. Victorian Era. **Encyclopaedia Britannica**, 25 ago. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Victorian-era>. Acesso em: 10 jun. 2024.

THE COTTAGE FAIRY. **Embracing who I am - days alone in a mountain cottage**. Youtube, 15 set. 2021. Disponível em: https://m.youtube.com/watch?v=pVU3Wl9fT_Q. Acesso em: 26 ago. 2024.

THE COTTAGE FAIRY. **Preparing for Autumn - a cozy vlog**. Youtube, 01 set. 2021. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=8JWGjBLwpeg>. Acesso em: 26 ago. 2024.

THE History Press. The Festival of Britain 1951. **The History Press**, 3 mai. 2017. Disponível em: <https://thehistorypress.co.uk/article/the-festival-of-britain-1951/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

TROWBRIDGE, S. William Morris - how a great thinker and poet was overlooked for his wallpaper. **The Conversation**, 01 out. 2021. Disponível em: <https://theconversation.com/william-morris-how-a-great-thinker-and-poet-was-overlooked-for-his-wallpaper-169111>. Acesso em: 17 jan. 2025.

UJSZÁSZI, Z. The Pre-Raphaelite Journey into the Middle Ages: A Quest for Spiritual Experience. **Acta Universitatis Sapientiae**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 29-43, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1515/AUSP-2015-0033>. Disponível em: <https://acta.sapientia.ro/en/series/philologica/publications-acta-philo/philologica-contents-of-volume-7-no-1-2015/the-pre-raphaelite-journey-into-the-middle-ages-a-quest-for-spiritual-experience>. Acesso em: 4 abr 2024.

WAYFAIR. How Art Nouveau Raged Against The Machine | A Style is Born w/ @KazRowe. Youtube, 22 jul. 2023. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=Zb3vsWK5o7c>. Acesso em: 17 set. 2024.

WAYFAIR. The Fantastical History of cottagecore | A Style is Born ft. @ArielBissett and @monologue. Youtube, 29 ago. 2022. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=ErBs75hKJWc>. Acesso em: 17 set. 2024.

WHY were the Pre-Raphaelites so shocking? **Tate**, 2025. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/art-terms/p/pre-raphaelite/why-were-pre-raphaelites-so-shocking>. Acesso em: 7 de janeiro de 2025.

WILLIAM Michael Rossetti - “The Pre-Raphaelite Manifesto”. **Reading The Norton, Anthology of English Literature**, 2021. Disponível em: <https://readingnorton.wordpress.com/2021/05/26/william-michael-rossetti-the-pre-raphaelite-manifesto/>. Acesso em: 31 de janeiro de 2024.

WODZIŃSKA, A. cottagecore as a Budding Anti-Capitalist Movement. **Institute of Network Cultures**, 21 jan. 2021. Disponível em: <https://networkcultures.org/blog/2021/01/21/cottagecore/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

WOLTER, H. K. Hayao Miyazaki, Studio Ghibli, and the ‘Environmental Message’. **The Cambridge Language Collective**, 2024. Disponível em: <https://www.thecambridgelanguagecollective.com/asia/hayao-miyazaki-studio-ghibli-and-the-environmental-message>. Acesso em: 7 jan. 2025.

ZEBROWSKA, K. **cottagecore Style Is Much Older Than You Think**. Youtube, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nnsxwJKxkJ8>. Acesso em: 3 dez. 2024.

Anexos e apêndices

APÊNDICE A - COTTAGECORE

Um guia visual da interpretação da autora sobre o cottagecore.

LAZYODDSUN. **cottagecore**. Pinterest, 2025. Disponível em: <https://br.pinterest.com/lazyoddsun/cottagecore/>. Acesso em: 18 de janeiro de 2025.

APÊNDICE B - PRE-RAPHAELITE DREAMS

Compilado de obras Pré-Rafaelitas pelas lentes do cottagecore.

LAZYODDSUN. **Pre-Raphaelite Dreams**. Pinterest, 2025. Disponível em: <https://br.pinterest.com/lazyoddsun/pre-raphaelite-dreams/>. Acesso em: 18 de janeiro de 2025.

Data de submissão: 07/07/2025

Data de aceite: 12/08/2025